

Mauro Fecury reúne
amigos no CEUMA
para mais uma edição
dos “Jogos Amigos”

PAGS. 2 e 3



Na festa dos Jogos Amigos do Ceuma, Ana Lúcia e Mauro Fecury, cercados de familiares, ao lado do ex-presidente José Sarney

AML distribui prêmios
e medalhas em bela
festa que homenageou
o decano da Casa

PAG. 6



Fotos/Divulgação



EM
São Luís, o Natal já está
presente nas árvores
iluminadas por luzes
faiscantes, pelos enfeites que
realçam a beleza das casas, das
lojas, das ruas, das avenidas e
dos logradouros públicos que se
vestem de símbolos natalinos
para a maior festa cristã da
humanidade

PAGs. 2 a 8

Em “Prece Natalina”, que fez parte de minha coletânea inaugural de poemas, o desabafo lírico: “Neste Natal serei apenas o silêncio/ de um arco-íris vagando em tarde morta/ Não sonharei no azul de outros céus/ nem dormirei na madrugada de outros olhos”.

Recém chegado em São Luís e ainda muito jovem e ingênuo, o Natal só me remetia às ternas imagens da infância em Presidente Dutra, com as noites alegres no pátio de igreja matriz de São Sebastião.

Dos primeiros natais em São Luís, embora não tão poéticos como aqueles, também ficaram um gosto de saudade boa na alma. É bem verdade que naquele tempo a cidade não se enfeitava tanto para o Natal, não havia tantas luzes, nem praças tão enfeitadas. Mas também não se viam meninos abandonados pelas ruas. A gente não tinha medo de ir olhar as vitrines da Rua Grande. Nem, depois do culto natalino na Igreja do Carmo, atravessar a Praça João Lisboa, subir a Rua de Nazareth e, suprema felicidade, ir tomar sorvete de chocolate ou de ameixa no bar do Hotel Central. Lembro como os sinos das velhas igrejas tocavam, e eu lamentava que nem todas as igrejas da minha infância tivessem sinos.

Quando criança, passávamos duas semanas inteiras na preparação do culto natalino, decorando poemas, textos do evangelho e cânticos, com a recompensa maior do presente colocado nos chinelos sob a rede branca.

Não sei quando foi que mudou o Natal e mudei eu, como no repetido verso de Machado de Assis.

NATAL
e cenas de encantamento sem
reprise da minha infância

sis. Nem sei bem explicar, exatamente, a tristeza que me assalta nessa época do ano. Claro, há a lembrança dos que se foram, que a gente carrega pela vida afora, mas que nesses dias parecem se tornar mais presentes. Há uma sensação mais aguda da passagem do tempo, a criança que a gente foi, se afastando cada vez mais do adulto que somos. Há, inclusive, uma íntima rejeição do espetáculo de pessoas comprando demais, gastando demais, comendo em demasia, quando tantos não têm o mínimo necessário para um dia a dia decente. Mas não deve ser só isso.

Num dos episódios do Don Camilo, de Giovannino Guareschi, Peppone, o prefeito comunista do povoado, vem visitar o padre, seu divertido e grande opositor para lhe pedir ou impor alguma coisa,

não lembro o quê. Encontra-o pintando as figurinhas do presépio. Enquanto fala, Don Camilo passa a Peppone a figura do menino Jesus e lhe dá um pincel. Sem o sentir, o ferrenho ateu Peppone começa a pintar e, pouco a pouco, o coração se amansa. E Guareschi diz mais ou menos isso: que talvez toda a nossa correria deva terminar sempre desse jeito: com um Menino nas mãos, quando o ano termina.

O Padre João Mohana, um grande amigo de saudosa memória, que tanto bem fez a nossa cidade, sempre lembrava isso em seu sermão de fim de ano: que, apesar dos presentes, dos gastos, das festas, no coração da gente sempre há um vazio. Um vazio onde só cabe mesmo o corpo de um Menino.

Talvez a nostalgia que invade muitos de nós,

nessa época do ano, esteja, em parte, na idéia de que aquela manjedoura era o começo de uma cruz. Na certeza de que, se o Menino tivesse que nascer outra vez, hoje haveria ainda menos lugar para ele, numa Terra Santa onde, em vez do cântico dos anjos, ecoam bombas, tiros e granadas. Tantas chagas no Seu corpo místico, como o diria Michel Quoist.

Mas neste Natal não quero ser “apenas o silêncio de um arco-íris vagando em tarde morta”, como nos versos inaugurais de minha juventude. Hoje, para mim, vivemos agora o tempo de “reinaugurar essa criança”, como no poema de João Cabral de Mello Neto. Ou de “organizar o Natal”, como sugeriu Carlos Drummond de Andrade, abolindo a era civil e convertendo o ano inteiro em Natal e “então nos amaremos e nos desejaremos felicidades ininterruptamente”.

Afinal, Natal é citar o grande Rainer Maria Rilke, em sua carta ao jovem poeta Franz Xaver Kappus: “Festeje o Natal (...), com o pio sentimento de que talvez Ele, para começar, aguarde do senhor justamente esta angústia de viver. Não seja paciente e mal-humorado. Lembre-se de que a menor coisa que podemos fazer consiste em lhe dificultar tão pouco o nascimento quanto a terra dificulta o advento da primavera, quando ela tem de vir.”

Guardo dos Natais da minha infância, algumas cenas de encantamento sem reprise. Pois naquele tempo, mais do que os brinquedos, nos unia algo de único e de tocante. Isso que chamam de o milagre de Natal.



Ex-governador de Brasília, José Roberto Arruda e Benedito Buzar



Ana Lúcia e Mauro Fecury com o ex-presidente José Sarney cercados de familiares dos anfitriões

O SUCESSO DE MAIS UMA FESTA DOS AMIGOS NO CEUMA

Há mais de três décadas Mauro Fecury mantém uma tradição em seu complexo de ensino superior: o Centro Universitário que hoje se transformou numa das mais bem equipadas universidades deste Estado – o Uniceuma.

Trata-se dos Jogos Amigos, em que reúne veteranos de sua geração que se tornaram amigos através da salutar convivência esportiva.

Como sempre acontece, a festa que é realizada no

segundo sábado de dezembro, foi um grande sucesso, com a presença de ilustres amigos, a começar pelo ex-presidente da República José Sarney.

É claro que motivados por uma succulenta feijoada, os convidados cantaram e dançaram ao som de grandes artistas maranhenses que encantaram o público com um repertório de grandes canções brasileiras.

Os ex-governadores José Roberto Arruda, de Brasília, e Mão Santa, do Piauí, vieram prestigiar o amigo.



Dirce Fecury Zenni com a filha Virna, a sobrinha Luciana e sua linda filha



Amigas de sempre: Iolanda Paraíso, Edenir Portela, Margarida Teixeira, Helena Nahuz e Socorro Couto



Biné Lago, Fernando Albuquerque e Fernando Barreto



Nelson Almada Lima, Luís Raimundo Azevedo e António Nelson Farias



Sergio Tavares e Luciana



Adalgisa e o ex-governador Mão Santa, do Piauí



Sergio Nogueira Santos e Silvia



Jaime Santana e Alberlila



José Sarney com Virna e Dona Dirce Fecury Zenni



Evandro Torres Carvalho, Claudia Vaz e Murilo Albuquerque



Luiz Raimundo Azevedo, Clóvis Fecury e Ricardo Guterres



Beth Fecury Braga com o pai Mauro Fecury e Margarida Teixeira



Fábio Braga entre Mauro Fecury e José Sarney



Evandro Carvalho, Claudia Vaz e o Repórter PH



O Repórter PH com Alexandre Jorge e Murilo Albuquerque



Veloso e esposa com Eliezer Moreira Filho



Jaime Santana, Carlos Alberto Frazão e Murilo Albuquerque



O Repórter PH com Mauro Fecury



Dirce Fecury Zenni com a filha Virna e os netos Davi e Júlia Trífone



Henrique Augusto Moreira Lima e Miguel Fecury



O Repórter PH e Murilo Albuquerque



Mauro Fecury com Geraldo Sobrinho, Eduardo Loureiro e Fábio Braga



Benedito Buzar e Jaime Santana

Fotos antigas de São Luís

Não é bom ver fotos antigas desta cidade mutante. Sei do que falo: ontem percorri ao acaso um velho álbum por inteiro dedicado à mui leal, miraculosamente salvo das traças e do esquecimento por mãos sensíveis. Ali estava uma São Luís que não conheci, pois anterior ao tempo em que fui apresentado a seu esplendor e magia. Isso mesmo: esplendor e magia. Para um garoto de uma pequena cidade do interior do estado, eram mágicos os bondes, as sinaleiras, as portas giratórias, os arranha-céus que começavam a ser erguidos. E era esplêndida a Rua Grande iluminada a néon, ornada de vitrais, civilizada, elegante, urbana.

Fotos antigas de São Luís...2

Mas dizia que o álbum vinha de antes de meu primeiro encontro com a cidade. O surpreendente é que vinha também de depois. Me explico: o Edifício Caiçara, na Rua Grande; o Edifício BEM, na Rua do Egito; o Hotel Central, na Av. Pedro II, astros especialmente convidados das fotos antigas, continuaram a navegar futuro adentro até serem abatidos em pleno voo. Ou seja: o passado custava mais a sair de cartaz. Desconfio que começou a andar mais depressa ali pelos Anos de Chumbo. Uma noite, estou passando e me volto para o Leste e lá está o Leste, mas onde foi parar o Ateneu? Tinham demolido sem aviso o Colégio Ateneu Teixeira Mendes, posto abaixo a melhor adolescência que já tive.

Fotos antigas de São Luís...3

Uma tarde fui à praia, uma praia que florescia aqui e atendia por Ponta d´Areia. Lá, contemplei o rio por onde fazíamos a travessia para chegar à praia. E o rio era bonito, encrespado pelo vento, e parecia haver nele uma ancestral vocação à limpidez. E então dei com uma placa anunciando, oficial e lúgubre, que as águas daquele rio se tinham degradado. Corria um rio na minha frente, mas já era um fluir letal, uma líquida morte. Não é que desame a Capital. Não é que cordialmente a deplore. O que eu queria de São Luís não é que não fosse mutante. Todo mundo é. Eu só imploraria a São Luís que não fosse tão impiedosamente inconstante e volúvel e cambiante, a cada instante e hora. Assim, eu ao menos poderia digitar aquela tarde dos Anos Dourados em que joguei vôlei em areias roubadas ao Rio Anil com uma garota chamada Madalena. Uma que tinha cabelos loiros e olhos azuis e uma voz sedutoramente rouca. Ah, sim. E um invencível saque de esquerda.

Dicas para o petit comitê

Festas e mais festas neste final de ano, mas vamos aqui repensar as celebrações menores, “en petit comitê”, na própria residência. Toda reunião começa no convite, quer seja impresso, por e-mail ou por telefone. Por isso, é indelicado num encontro casual convidar um amigo para o aniversário. “Será que se ela não me tivesse visto teria se lembrado de mim?”, pensará ele. O elegante é avisar que o convite será feito por e-mail ou por telefone com todos os detalhes, respondendo às perguntas quando, onde, motivo, horário e traje. Ponto importante a ser levado em conta: convidar um número de pessoas que se sinta confortável e bem acomodado num living, significando oito ou no máximo 18 convivas. (Em reuniões de jovens já é diferente: eles se sentam no chão).

Dicas para o petit comitê...2

Se lâmpadas muito fortes esfriam um ambiente, velas necessitam ser harmonizadas com luz elétrica para não ficar muito escuro, se não houver dança na reunião e o encontro é para pôr em dia conversas ligeiras em clima de bom humor. Para que isso aconteça, contribui uma iluminação mista equilibrada, que facilita a comunicação entre as pessoas. O som ambiental à chegada dos convidados faz parte das boas vindas. Deve ser de acordo com as preferências da maioria, dosando um clássico erudito como Bach em ritmo de jazz ou um Tom Jobim interpretado em solo de guitarra. Na medida em que os espumantes animam as conversas, servidos na dose certa para ninguém ficar “alto” (cada convidado sabe seus limites), o som vai baixando. Assim deve ser a festinha de anfitriões atentos.

O Brasil na contramão

Os brasileiros viajam, cada vez mais, para a Europa, revelam as estatísticas. Principalmente depois das exigências do Governo Trump. E, afinal, o que interessa tanto ao brasileiro nesses países? Principalmente a história (prédios e construções preservados), a cultura (local, e não importada, como está se fazendo no Maranhão) e a gastronomia. Transporte público eficiente, cidades limpas e um povo com boa instrução também ajudam. No Brasil, infelizmente, estamos na contramão do que fascina os turistas.

Sexo no Réveillon

Os maranhenses que, no réveillon, gostam de fazer amor em motel, devem pensar duas vezes. Estamos a 10 dias da virada do ano, mas 90 por cento dos quartos dos motéis já estão reservados. Quem não correr atrás de vaga, vai ter de fazer amor na praia.

Tempos do beija-mão

Na fase imperial, era costume nas cerimônias oficiais os súditos beijarem a mão do soberano em sinal de respeito. Com a instalação do regime republicano, a solenidade do beija-mão foi caindo no esquecimento. Mas os atos realizados nos finais de ano, em que as pessoas, sendo ou não do governo, se dirigiam aos palácios para cumprimentar o presidente da República ou os governadores, ficaram conhecidos por beija-mão. No Maranhão, a cerimônia do beija-mão acontecia sempre antes do Natal, quando as autoridades públicas, dirigentes empresariais e figuras representativas da sociedade afluíam ao Palácio dos Leões, para os cumprimentos ao governador. De uns tempos para cá, contudo, o beija-mão foi literalmente abolido do cerimonial palaciano.

É preciso rever os clássicos

Devo a volátil matéria do meu gosto estético às imagens. E explicaria melhor por tudo o que já vi nas telas dos cinemas, agora com a ajuda do vídeo, usufruído numa cadeira da minha sala. Mas não foi apenas ver, senti emoções imensas, guardei na memória imagens belas e inesquecíveis. Tomei muito conhecimento de histórias lindas que enriqueceram a minha sensibilidade como um espectador que ampliou a sua visão com o que estava sendo apresentado nas telas dos cinemas. Só depois aconteceu o que era inevitável, eu também me apaixonaria pela pintura. Nas viagens que fiz ao exterior, corria para os museus. E veio o imenso deslumbramento com os mestres antigos. Gostaria de citar logo o pintor que me encantou muito: Caravaggio com suas figuras dramáticas e não como uma Mona Lisa de sorriso intrigante e um olhar que não precisava de sobranças. Mas é bonita, tem sua mágica.

É preciso rever os clássicos...2

Essa batalha na procura de imagens expressivas continua dentro de mim. Miguel Angelo ou Giotto com o seu universo de anjos e figuras vivendo momentos cruciais. Os figurativos modernos não se preocupam em conseguir gestos, rostos expressivos e figuras bem mais densas e fortes. A cena de uma batalha pintada por Delacroix é perfeita. Faltava só a técnica do cinema. E o que gostaria de dizer no final: que os pintores clássicos deram colossal ajuda ao cinema com ritmo, movimento, luz, a luta entre o necessário claro-escuro.



O Repórter PH entre três ex-governadores do Maranhão: Arnaldo Melo, José Sarney e Jurandy Filho



O jornalista Lourival Bogéa com o Repórter PH e o ex-presidente José Sarney

CAFÉ DA MANHÃ PARA SARNEY NO MAKANI MALL

O Ca-Va Café, projetado pela arquiteta Juliana Brasil, teve uma inauguração recente de sua primeira unidade no Makani Mall, na Av. Nagib Haickel, no Calhau, sob a batuta do Chef Rafael Libério, oferecendo uma

experiência de gastronomia francesa com cafés especiais. No sábado, dia 13, o engenheiro e secretário de Infraestrutura do Governo Carlos Brandão, Aparício Bandeira, reuniu um grupo de amigos e admiradores do ex-presidente da

República e escritor José Sarney para um café da manhã em homenagem a esse grande estadista e escritor brasileiro nascido no Maranhão. No comando da recepção estavam o Chef Rafael e seus pais Rosane e Márcio Libério.



Sentados: Francisco Moraes (o Chico), Cristovam Teixeira, Lourival Bogéa, Arnaldo Melo, o Repórter PH, José Sarney; de pé: Alim Maluf, Fábio Braga, Aparício Bandeira e Anibal Pinheiro



Márcio Libério, José Sarney e Aparício Bandeira



Aparício Bandeira e José Sarney



A família de Aparício Bandeira



Rosane Libério, o Repórter PH e José Sarney



Arquiteta Juliana Brasil e José Sarney



José Vitor Abdalla e Alim Maluf Filho, Aldir Teixeira, José Vitor Abdalla, Cristovam Teixeira e Chico Cunha



José Sarney, Jura Filho, Aldir Teixeira e Luis Bandeira



Gastão Vieira e José Vitor Abdalla



José Sarney com Rafael Libério e a equipe de cozinheiros e garçons do Café



Anibal Pinheiro, Marcelo Everton e José Sarney



José Sarney com Aparício Bandeira e suas filhas Amanda e Milena Bandeira

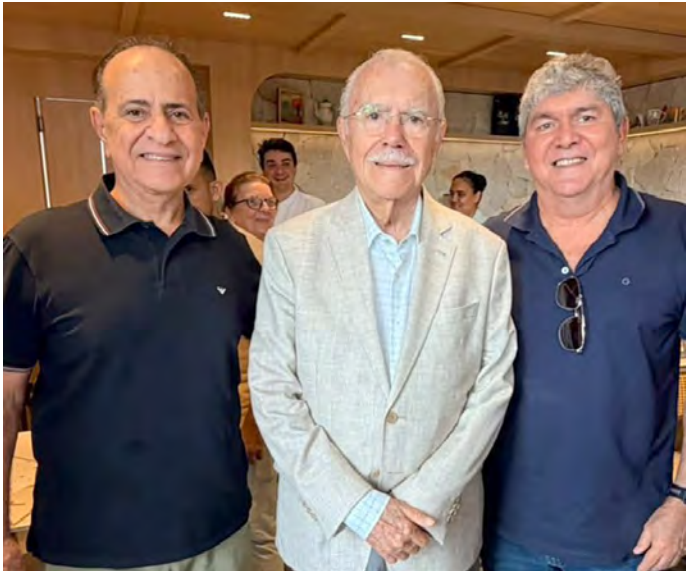
Fotos/Divulgação



Aldir Teixeira e Luis Bandeira com Arnaldo Melo e o Repórter PH



Fábio Braga, o Repórter PH e José Sarney



José Sarney entre Aparício Bandeira e Lourival Bogéa



Chicó Moras, Cristovam Teixeira, Alim Maluf Filho, Lourival Bogéa, Fábio Braga, Arnaldo Melo, Aparício Bandeira, Anibal Pinheiro, o PH e José Sarney

Espelho, espelho meu

O texto original é do gaúcho Roger Lerina, a quem pedimos licença para repercutir sua muito oportuna opinião. Lembra Lerina que estamos na metade da década de 2020, mas nossa cabeça ainda é parecida com a que a gente tinha em meados dos 1990. A conclusão está no recém-lançado Brasil no Espelho (Globo

Livros, 224 páginas), escrito por Felipe Nunes, cientista político e sócio-fundador da Quaest. O livro apresenta e interpreta o extensivo levantamento que a empresa de pesquisas realizou entre novembro e dezembro de 2023, questionando quase 10 mil brasileiros de todos os Estados a respeito de suas crenças, valores e ideias.

Espelho, espelho meu...2

Segundo o estudo da Quaest, o país estava se abrindo nos anos 2000 para visões mais progressistas em temas como diversidade e direitos humanos. No entanto, nos últimos 10 anos, a emergência de problemas econômicos, turbulências políticas e fenômenos como a pandemia de covid-19 e a aceleração da vida fragmentada pelas redes sociais alimentou uma sensação de insegurança e instabilidade que fez o

brasileiro voltar-se a valores mais conservadores. Religião, família e tradição – que nunca deixaram de ocupar um lugar de destaque no nosso ideário – voltaram então para o centro do palco. O diagnóstico, no entanto, não poderia ser unívoco em uma sociedade tão complexa e contraditória como a nossa.

Espelho, espelho meu...3

A pesquisa define nove segmentos identitários a partir das crenças e interesses identificados nessa amostra tão heterogênea. O maior grupo é o dos conservadores cristãos, com 27% dos entrevistados. Já a extrema direita, segundo o trabalho, corresponde a 3% do total. Por outro lado, os qualificados como progressistas seriam 11% e os militantes de esquerda, 7%. Entre os extremos, haveria um punhado de segmentos flutuantes, atualmente mais embicados para a centro-direita. Os dados levantados pela pesquisa se prestam a uma miríade de interpretações. As

conclusões podem ser objetadas, e o panorama talvez até já tenha mudado de 2023 para cá. Com boa vontade, dá para vislumbrar alguma esperança: a geração “ponto com”, como a maior pesquisa desse tipo já feita no Brasil nomeia quem nasceu depois de 2000 – em contraposição à chamada geração “bossa nova” –, define-se como mais tolerante e aberta à pluralidade. Tomara que essa visão realmente se imponha, porque, na contramão do que cantava Belchior, não somos mais os mesmos e nem vivemos como nossos pais.

Mistérios de um espelho

Você enfrenta todos os dias uma luta para encontrar sua figura humana e se possível sua essência mesmo estando diante de um espelho. É uma das lutas das mais desafiadoras, ou seja, você ter como adversário nada mais nada menos do que você próprio. E caso se veja refletido no espelho, ficará em dúvida se terá compaixão ou piedade diante de certas atitudes. Não dou continuidade ao que escrevi acima e quero confessar que acredito que ainda existem homens que conseguem manter esse diálogo consigo mesmo. Creio que certas atitudes nascem do amor a si próprio mesmo em comparação com o de pessoas que sofrem ou não teriam condições de vencer na vida. Esse movimento sinfônico em torno de mais de uma

centena de mortos durante uma operação policial no Rio de Janeiro, é um bom exemplo. É preciso não perder o realismo, mas sempre acompanhado do perdão. Afinal quando a idade vai chegando sempre é implacável na vida de todas as pessoas. Aquela idade que não permite mais experiências efêverescentes. Hoje o sexo parece ser algo naturalíssimo para tanta gente. Confundem sexo com desejo forte e relutante impulso, incontrolável. Podem estar certos porque o chamado “animadivertir” pode ser dividido em várias palavrinhas. Mas não se divide porque o desejo sexual tem uma vida muito longa e se esconde e domina a cabeça, visa o desejo, quando nossos olhos e outros sentimentos se reúnem. Então?

As coisas dizendo adeus

Pegando o tema de uma crônica intitulada “Adeus às armas”, que publiquei já faz bom tempo, me ocorreu uma frase de Marcello Mastroiani no filme de Fellini “Ginger e Fred”: “De uns tempos para cá, as coisas me olham de uma maneira estranha, como se me quisessem saudar: ‘Adeus, Pippo’”. Pode ser também influência do falecimento de um amigo, há pouco, que voltei a visitar, ele já doente, e essas coisas nos fazem meditar na brevidade da vida. Numa dessas visitas me deu um livro de que muito gostava, como se fosse uma despedida.

Pensei que era emprestado, como me emprestou uma vez e me intimou a ler “Grande e estranho é o mundo de Ciro Alegria”: quando mesmo? Eu ainda nem tinha entrado na Faculdade. 1962, por aí, quando desembarquei de mala e cuia em São Luís. Agora era “A morte de Artemio Cruz”, talvez para me contar a sua própria através de Carlos Fuentes, o que o pudor não lhe permitia fazer diretamente. Na dedicatória o seu adeus: “Ao amigo PH, com a sempre admiração do seu amigo de sempre”. Ele era de 1938, Carlos Fuentes é de 1928. Eu, de 1948.

As coisas dizendo adeus...2

Quando passo para primeiro da fila, para ser atendido antes, alegando minha condição de idoso, nos bancos, se me afigura a fila do abate. Quando como quibebe, bacalhau assado na brasa, comidas de época geralmente, sempre que como uma coisa boa parece que ela me diz: “me coma que pode ser a última vez”. Quando digo que uma das frutas que mais gosto é mangaba, ficam me olhando como a um animal exótico, como quem diz que ambos estamos extintos. Muita coisa a gente ainda pode comer, mas não tem quem faça. Mamãe, por exemplo, já não sabia mais fazer mingau de massa de mandioca, aquele cheiro de maniqueira, para comer com peixe,

camarão torrado (de rio). Há tempo não vejo peixe assado no jirau, enfiado na palha de coqueiro, tainha, cavala, postas de xaréu, vendido nas feiras. E assim maçaranduba: por mais que comesse, os beijos grudados com o leite, que ela deve ser da família do sapoti, um sapotzinho redondo tamanho duma acerola, da casca meio durinha areenta, de alaranjado para vermelho chegando às vezes a cor de vinho – pareço aquele holandês da época de Nassau descrevendo para seus compatriotas do outro lado do mar o araticum – nunca me satisfiz, guardando a vontade para a vez seguinte, que a essa altura parece que não vai haver.

As coisas dizendo adeus...3

Outro dia uma amiga me mostrou um pé da árvore, de grande porte, de que eu me lembrava sem saber localizá-la, debaixo da qual antigamente armavam ratoeiras para guaiamum. Parece que não bota mais, não sei se árvore também tem disso, feito menopausa. Nestas próprias conversas fiadas

que escrevo há sempre um pouco dessa preocupação, de saudar as coisas, as pessoas, o mundo, num último cumprimento, tanto por temor de sua extinção quanto da nossa: o nosso tecido atual, de que somos constituído, é feito mais das partes que faltam do que das que restaram.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



De pé: Camilla Rocha Bandeira, Daniella Rocha, Vitor Salvador Rocha e Ana Vitória Rocha; sentados: Ana Clara Vidal Rocha, Luiz Eduardo e sua irmã Luiza Sereno Fernandes

ANA CLARA E A CARTEIRA DA OAB

A solenidade realizada terça-feira, dia 16, pela OAB-Maranhão, para a entrega da Carteira da OAB para os novos advogados aprovados no exame da Ordem, teve como oradora oficial, a jovem Ana Clara Vidal Rocha, filha de

Kátia e Marcone Athayde Rocha. Após a solenidade, Ana Clara reuniu a família e alguns amigos para comemorar a vitória profissional com um almoço no bistrot Grand Cru.



O Repórter PH com os irmãos Marcone e Rhelmsom Athayde Rocha



César Bandeira e Thatiana com a nova advogada Ana Clara Rocha



Kátia Vidal Rocha, Melina Sereno Fernandes e o Repórter PH com Ana Clara Rocha e Luiz Eduardo Sereno Fernandes (de pé)



Marcone Athayde Rocha com o irmão Rhelmsom e seu filho Vitor Salvador



Presente no Grand Cru, a secretária de Governo de Carlos Brandão, Luzia Waquim, foi cumprimentar o amigo Marcone

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



José Sarney com o presidente da AML, Lourival Serejo, e outros acadêmicos na inauguração do busto do ex-Presidente



Novamente Sarney e Lourival descerrando a placa que marca a homenagem ao ex-Presidente

FESTA CULTURAL NA AML

Com o auditório da Casa de Antônio Lobo lotado, a Academia Maranhense de Letras (AML) realizou na terça-feira (16), a solenidade de entrega do Prêmio Melhores Obras de 2025 e da Medalha do Mérito Literário Graça Aranha, reconhecendo talentos literários maranhenses, com a presença do ex-presidente José Sarney, que é o decano da Casa e foi homenageado com uma placa e a inauguração do seu busto nas dependências da AML.

O Prêmio Literário “Melhores Obras 2025”, contemplou três categorias: Prêmio Josué Montello (melhor romance), Prêmio Ferreira Gullar (melhor livro de poesia) e Prêmio Coelho Neto (melhor livro de contos).

Além dos autores premiados, a AML homenageou com a Medalha “Graça Aranha”, nomes e iniciativas que contribuíram para a promoção da leitura, formação de público e dinamização do ambiente cultural maranhense. Foram agraciados: deputada federal Roseana Sarney, Megan Shakti, Bruna Castelo Branco, a Associação Maranhense dos Escritores Independentes (AMEI), o Clube do Livro e do Vinho, o Clube Entrelivros e Conversas e o Clube É Sobre Elas.

Com a premiação, a AML reafirma seu papel histórico na promoção da literatura produzida no estado e no incentivo a ações que ampliam o acesso ao livro e à cultura no Maranhão.



José Sarney e João Batalha



Lourival Serejo e Bique Mesito



Acadêmicos Laura Amélia Damous e José Sarney



Sarney com um grupo de mulheres do Clube de Leitura



Acadêmicos Carlos Gaspar, Elsiar Coutinho, Sonia Almeida e Daniel Blume



Ceres Costa Fernandes, Sônia Almeida, Kécio Rabelo e Laura Amélia Damous



Acadêmicos Félix Alberto Lima, Ivan Sarney, Daniel Blume e Natalino Salgado Filho



Acadêmicos Natalino Salgado Filho, Alex Brasil, Félix Alberto Lima, Elsiar Coutinho, Ivan Sarney, Aureliano Neto e José Ewerton Neto



Ceres Costa Fernandes e Bruna Castelo Branco



Maristeia Neves e José Sarney



Irandi Leite e o acadêmico Natalino Salgado



Foto oficial com todos os homenageados da noite

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Bioque Nesito entre Alex Brasil e Daniel Blume



Acadêmicos José Ewerton Neto e Alexandre Lago



Jeane Lopes, Lourdes e o acadêmico Eliezer Moreira Filho e Silvana Tamer



Acadêmicos Aureliano Neto e Alex Brasil



Acadêmico Alexandre Lago e as novas escritoras



Kécio Rabelo e Samuel Marinho



Bento Moreira Lima entre os acadêmicos Eliézer Moreira Filho e Ivan Sarney



Acadêmicos Ivan Sarney e Aureliano Neto com o jornalista Nonato Reis



Cristiane Lago e Silvana Tamer com José Sarney



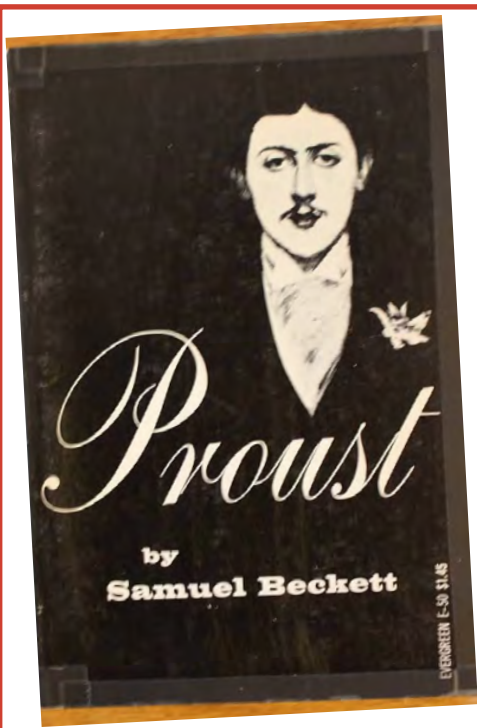
Acadêmico Lourival Serejo e a escritora Seane Melo



Acadêmicos Elsiur Coutinho e José Ewerton Neto entregando o prêmio a Seane Melo



Kécio Rabelo (presidente da FMRB) e o escritor José Sarney



Um Livro Para Degustação

Para uma experiência de degustação literária, escolha um clássico rico em detalhes como Dom Quixote ou Crime e Castigo para saborear devagar, ou um livro focado no paladar como os de Jancis Robinson ou Jorge Lucki para aprimorar seu gosto por vinhos, como “Como Degustar Vinhos” ou “A Experiência do Gosto”, que desvendam os sabores e aromas com profundidade.

Albert Camus acreditava que certos livros extraordinários têm o encanto de banquetes: merecem ser saboreados com a companhia de um tinto de boa safra.

Essa boa ideia se aplica a uma grandiosa obra menor de Beckett. Trinta e oito anos antes de receber, em 1969, o Prêmio Nobel da Literatura, Samuel Beckett escreveu uma série de ensaios (Dante, Bruno, Vico e Joyce), que culminaria com o texto que revela todo o esplendor de seu talento: Proust, ensaio que aproveitando a metáfora de Camus não é um texto para leitura, mas sim um prato para degustação.

Anos atrás, descobri na prateleira de uma pequena livraria um exemplar resplandecente do Proust, na excelente tradução brasileira de Artur Nestrovski (L&PM, 1986), há muito esgotada.

Encontrei Nestrovski há alguns anos em Lisboa: além de tradutor, é músico de sucesso, o que explica a afinação do texto traduzido. Estava no Martinho da Arcada, o bar de Fernando Pessoa e não tive tempo de dizer que abrir o pequeno volume da tradução do Proust foi como sentar à mesa de um banquete. Impressionante a sucessão de delícias daquelas linhas prodigiosas.

Logo nas primeiras páginas, num ‘couver’ inesperado e delicioso, Beckett surpreende com uma frase: “O engenho do Tempo na ciência da aflição”. A ‘entrada’, que, exatamente como dizia Salvador Dali, faz nossas papilas estremecerem, é o mergulho na desolação de Swann, quando recebe de sua mulher Odette a notícia que Forcheville (amante de Odette e, depois da morte de Swann, seu marido) vai ao Egito, na Páscoa. “Na verdade, está me comunicando que ela vai com Forcheville ao Egito, na Páscoa”, traduz Swann, arrasado. Beckett recorda a dimensão, gigantesca para Swann, dessa pequena tragédia pessoal, com a delicadeza e a consistência de um vinho Bordeaux de linhagem respeitável.

O paladar é provocado pelas alusões breves ao sabor da eterna madeleine embebida em chá, e pela inefável ‘omelette à Duval’ de Françoise, a imortal cozinheira do lar dos Proust. Mas há, sobretudo, aquela aproximação direta da literatura com a gastronomia, muito mais banal e prosaica, quando acreditamos que algum texto é “delicioso”, ou coisa parecida: a sensação física, que não deixa de ser meio proustiana, de agrado, de gosto bem-vindo, diante da leitura.

No Proust de Beckett, não é exagero perceber aromas e sabores que emergem da leitura. Como prato principal no impecável banquete que Beckett nos oferece, há uma reflexão exemplar sobre a excelência do texto: “Para Proust, a qualidade da linguagem é mais importante do que qualquer sistema ético ou estético”. Na verdade, é uma trapaça elegante: para ele, Beckett, é que é assim. O banquete se resume a menos de oitenta páginas, sempre iluminantes.

É possível que o encantamento e a perplexidade do leitor se misturem numa indagação: o que ele quer dizer, afinal? O próprio Beckett responde: “Nada tenho a dizer. Mas somente eu sei como dizer isso”.

Fotos/Divulgação



Felipe Fernandes, CEO da ESA Empreendimentos, fala sobre o Condomínio Fiji

FELIPE FERNANDES APRESENTOU O FIJI RESIDENCE

A ESA Empreendimentos lançou o condomínio Fiji Residence, durante evento realizado no Quinta do Lago, no Olho d'Água, com a presença do CEO da empresa, Felipe Fernandes. Estavam presentes, ainda, o coordenador de vendas

da ESA, Rogério Mouchreck, e Jairo Melo, analista comercial da Housi, parceira da ESA nesse empreendimento. Além deles, participaram o presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil no Maranhão (Sinduscon) e

vice-presidente da Regional da Câmara Brasileira da Indústria da Construção. Fábio Nahuz. O Fiji Residence é um condomínio no bairro Cohama criado para quem busca exclusividade, sofisticação e uma nova forma de viver.



Felipe Fernandes com sua equipe de Marketing, formada por Sandro, Rejane, Rogério Mouchreck e Felipe Ladeira



Anna Sousa é um nome por trás de eventos que dão certo e se destacam pela organização e bom gosto

O ano de 2026 certamente será ainda mais auspicioso para a promotora de eventos Anna Sousa, uma das mais queridas e bem relacionadas profissionais do ramo em atividade em São Luís.

Antenada, dedicada e ligada aos detalhes que fazem a diferença, ela sempre recebe a todos com um largo sorriso,

razão pela qual está sempre associada às mais incrementadas produções que movimentam a cidade, de pequenos aos grandes eventos. Há mais de uma década nessa área, a expertise que acumulou ao longo desses anos garantiu que seu nome fosse chamado também para eventos políticos, confraternizações,

recepções, premiações e muito mais. Entre outras coisas, Anna Sousa é um dos selos responsáveis pelo sucesso do Beach Club Rio Poty, na Ponta d'Areia, uma vez que foi convidada pela família Lima, que comanda o empreendimento, para badalar a programação do espaço.



CEO DO AÇAÍ SUNSET DEU AULA SOBRE EMPREENDEDORISMO

'Empreendedorismo e inovação' foi o tema da edição da última terça-feira (16) do projeto 'Negócios e Vinhos', um bate-papo descontraído realizado no AmoVinho Bistrô & Adega, no Parque Shalon. O convidado foi Ekles Aguiar, sócio-fundador e CEO do Açaí Sunset. No comando do 'Negócios &

Vinhos' está Fernando Coelho, diretor do Instituto Experiência do Cliente, e que estimula trocas que inspiram e conexões que transformam. No registro, Ekles Aguiar com a esposa Tharlla Egito Aguiar, Fernando Coelho e Almistron Marinho, proprietário da casa



Renato Lemos é coordenador de ESG da agência marítima Shipping Protection

RENATO LEMOS E O MOVIMENTO IMPACTO AMAZÔNIA

A agência marítima maranhense Shipping Protection Ship Services, que integra o movimento Impacto Amazônia, foi convidada a apresentar um projeto de relevância para o meio ambiente na última reunião trimestral da Plataforma de Ação pela Agricultura e Florestas. Quem representou foi o coordenador de ESG, Renato Lemos. Ele falou sobre os avanços e compromissos da empresa com o Impacto Amazônia, destacando, em especial, o projeto de criação

da Reserva Particular do Patrimônio Natural Shipping Protection, em Alcântara (MA), que visa preservar e proteger dos crimes ambientais em curso uma área de floresta com 1.700 hectares e rica em biomas naturais, conhecida como terras de Timbótuba. O evento online reuniu empresas comprometidas com a promoção de práticas sustentáveis na agricultura e na preservação das florestas, alinhadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU.